

“ENCANTADA”: UMA ANÁLISE

Ludimar Gomes Molina
Maitê Araújo
Rosemeire Fernandes

Resumo: Elaboramos este artigo tendo como objetivo compreender o contexto do desenho inicial, mundo mágico, bem como a transição com o mundo real. Analisando também as remissões de “Encantada” a outros contos tradicionais. E ainda perceber, por meio da psicanálise, a construção dos sentidos atribuídos ao filme. Realizamos um estudo metodológico, utilizando pesquisas bibliográficas e entrevistas.

Palavras chaves : Encantada, mundo real e mundo mágico.

***Abstract:** We developed this product with the aim to understand the context of the initial design, magical world, and the transition to the real world. By examining the redemptions of "Enchanted" to other traditional tales. And see, through, psychoanalysis, the construction of meanings attributed to the film. We conducted a methodological study using a literature search and interviews.*

***Keywords:** Enchanted, real world and magic world*

Introdução

Ao realizarmos este trabalho, procuramos nos basear em opiniões pautadas no nosso entendimento pessoal sobre o filme Encantada. Mas, como queríamos dar mais credibilidade e também para acrescentar conhecimentos, buscamos fontes mais consistentes. Para isso consultamos textos; da socióloga Marilena Chauí, de Érika Farinha entre outros.

Na pesquisa de campo, que consideramos de grande relevância, entrevistamos Antonio Ferrer da Rosa Junior, que por muito tempo, foi diretor de programas de televisão como: O mundo da lua e Bambalalão. Participou também da direção de elenco do Castelo Ra-tim-bum, de várias cenografias de outros programas, entre eles, do cenário da novela Redenção, da extinta tevê Excelsior, que fez tanto sucesso na época em que foi

transmitida (década de 60) e, permanecendo três anos no ar, sendo apresentada em horário nobre. Ferrer é, atualmente, coordenador do Teatro Municipal de Praia Grande. Conversamos também com Renato Rodrigues Paes, professor de Literatura da Faculdade Unimonte, professor do E.J.A e atual Chefe da Divisão de Cultura nas Escolas da Secretaria de Educação de Praia Grande (SEDUC).

Por considerarmos pertinente, consultamos também Tatiana Félix, pedagoga e contadora profissional de história. Tatiana conta histórias nas escolas da Rede Municipal de Ensino e na Biblioteca Porto do Saber, ambos em Praia Grande, entre outros locais. Ambos os colaboradores nos ofereceram suporte para nossa análise.

Sinopse

Imagine um mundo mágico e impossível, além de tudo que você já viu. Agora imagine tudo isso no seu mundo.

Você que já conhece os clássicos e inesquecíveis contos: Cinderela, A Bela Adormecida, A Bela e a Fera, Branca de Neve e os Sete Anões, Pequena Sereia, Chapeuzinho Vermelho, Pele- de- Burro, Corcunda de Notredame, Moura Torta, e também o temível King Kong, deixe-os criar vida, todos mixados num só conto, resultando em algo inspirador, empolgante e de um jeito que você nunca imaginou. Seria como se estivesse vivenciando contos de fadas pela primeira vez. É uma aventura mágica que você precisa conhecer.

Encantada é uma comédia romântica que conta a história de uma moça, Giselle que sonha com o verdadeiro amor. Encontra seu príncipe e, quando estava prestes a se casar, é banida pela madrasta má, do reino encantado de Andalásia onde vive, e jogada na real e nada encantadora Manhattan. Lá ela conhece um advogado divorciado e cético e que lhe oferece ajuda, mas na verdade é Giselle que com sua inocência acaba encantando-o e o liberta.

Giselle

Como as princesas, que representa o bem, Giselle tinha uma voz meiga, suave, com um tom melódico. Esse tipo de voz transmite a impressão de ingenuidade e certeza de bondade. Ela acreditava que cada ser possui seu valor, sendo especial em sua finalidade, mesmo os animais considerados mais nojentos cumprem funções importantes, como desentupir ralos, assim como os portadores de necessidades especiais que, quando são impossibilitados de realizar algum tipo de tarefa, podem conseguir êxito em outras.

De acordo com a tradição dos contos de fadas, Giselle vivia feliz entre seus amigos, os animais da floresta, com quem conversava alegremente e cantava enquanto esperava pelo seu príncipe encantado que ela tinha certeza que logo chegaria, uma vez que ela idealizava esse encontro em suas fantasias. Um dia ela cantou com muito mais inspiração que a sua voz foi ao encontro da voz do príncipe que também entoava a mesma canção e a magia do momento fez com que ambos acreditassem que estavam perdidamente apaixonados, tanto que marcaram o casamento para o dia seguinte. Na essência da futura princesa, esse era o ápice de tão aguardada felicidade e, como a Cinderela, contou com a ajuda dos animaizinhos para a confecção do vestido do casamento. Todavia não contava com a ira de uma ambiciosa rainha que desesperada temia pela perda da coroa, visto que o príncipe era seu enteado.

Tal motivo fez com que Giselle, mesmo sem merecer, fosse banida do mundo “in magic” em que vivia e atravessasse um portal que a levaria ao plano “in real”. Como não poderia deixar de ser, essa travessia foi um impacto muito grande nos pensamentos da jovem que se viu num lugar totalmente estranho. Literalmente ficou de cabeça para baixo. O que parecia ser estrelas no céu eram brilhos de painéis eletrônicos e o reflexo no asfalto de luzes ofuscantes dos carros que percorriam as ruas de Manhattan, distrito de Nova Iorque, num trânsito frenético.

Tudo ao seu redor a amedrontava e a sua inocência infantil só colaborava para o agravamento da situação.

Giselle no mundo real experimentou sentimentos até então desconhecidos para ela como estar zangada e o efeito conflitante do que é estar apaixonada e desejar de fato um homem. Ao ser convidada por Edward a compor o dueto que os completavam, viu que não seria mais possível pois se sentia cada vez mais envolvida por Robert. As atitudes espontâneas de Giselle vão aos poucos contagiando o modo de agir e pensar das pessoas que vivem num sistema frio e calculista.

Edward

Os príncipes encantados são a materialização do desejo íntimo de uma mulher, mesmo que ainda criança, ela deseje ser protegida e tratada com carinho. Edward se encaixa perfeitamente nesse perfil, ou seja, bom, valente, formoso, protetor e cavalheiro. Decidido a enfrentar tudo, até mesmo o desconhecido para salvar uma donzela em perigo. Podemos ver isso em dois momentos; no “in magic” quando salva Giselle do terrível ogro e depois quando também atravessa o portal para o “in real” somente para resgatá-la. A sua bondade transparece quando demonstra estar feliz ao ver sua noiva despertar da semi-morte mesmo que tenha sido com o beijo de outro homem. Seu cavalheirismo o faz consolar a moça triste, Nancy, que acabara de perder o noivo para Giselle. Seu romantismo nos remete ao conto Cinderela quando calçando o sapato perdido, nos pés de Nancy, ele sela o pedido de casamento que é aceito.

Conforme Ferrer, o príncipe não precisa possuir voz, nem austera, nem delicada para expressar sua personalidade, pois sua figura contida nos contos de fada já é suficiente para passar uma imagem de bondade e justiça. Mas o que era próprio de príncipe; voz, atitude, gestos e suas vestes, quando transferidos para o real tornam-se caricatos e abobalhados tirando o encanto da figura principesca tão idealizada há muito tempo, mas no momento em que percebeu que sua postura era imprescindível para salvar Giselle o lado caricato desaparece fazendo surgir a sensatez até então despercebida por todos. Podemos ver isso quando ele, ao dar créditos às palavras de Nathaniel, mostra aos olhos de todos estar contra Narissa.

Robert

A decepção com o fim do casamento tornou Robert incrédulo na magia do amor e nos finais felizes, preparando sua filha Morgan para enfrentar as dificuldades do mundo sem que esta sofra. Paixão para ele é um problema e o amor uma fantasia, seu desejo é que Morgan cresça forte e capaz de encarar o mundo é por isso ele não a incentiva a ler contos de fadas. Não quer que ela acredite "na bobagem de sonhos que se realizam". Deixa que sua vida profissional de advogado especialista em divórcio afete seus sentimentos. Sua intenção de se casar novamente era simplesmente para trazer uma figura materna para preencher esse vazio que ficou na vida da sua filha.

Como não acreditava mais na magia do amor preparava Morgan para uma vida sem sentimentalismos, ignorando suas sensibilidades e fantasias de criança, presenteando-a com livros sobre personalidades femininas célebres que tiveram conquistas com esforço e dedicação, ao invés de proporcionar a oportunidade de ler contos de fadas, próprios para sua idade. Ao se deparar com Giselle se mostra meio assustado e pensa em se livrar dela, mas ao vê-la dormindo no sofá enquanto tenta ligar para o serviço de táxi sente-se comovido por sua aparência meiga e desiste. Esse é um ponto importante porque, apesar de todo agito que ela causa na vida dele, é nos momentos em que vê Giselle em situações de inércia que ele sente-se mais apegado a ela, ou seja, dormindo, desacordada, e ainda quando, no baile é ele quem a conduz pelo salão. Talvez seja essa "submissão" que o tenha verdadeiramente encantado, apesar de até então só ter valorizado mulheres que fizeram algo mais marcante. Podemos considerá-lo um príncipe da vida real, pronto para proteger sua amada, mas quando se vê nas garras de "Narissa dragão", tem medo e implora por liberdade como todos os mortais.

Morgan

Morgan é considerada por Chauí uma "criança útil", ela obedece ao pai, somente deixa de fazê-lo quando por uma causa nobre. Ela consegue refletir com coerência em situações que requer esperteza, astúcia, inteligência e responsabilidade, além de sua generosidade, servindo de

exemplo para as crianças espectadoras. Como toda criança, acredita na fantasia que envolve o imaginário infantil, sentindo ser recíproco o seu afeto pelos brinquedos. Considerada pelo pai, boa menina, porém tímida e de poucos amigos.

Reconheceu na Giselle uma princesa. Ao vê-la, sentiu aflorar dentro de si, toda a imaginação que lhe foi poupada, mas que encontrava-se somente adormecida. Morgan enxergou em Giselle não só a princesa, mas também uma pessoa amiga e companheira, com a qual podia fazer coisas que as garotas fazem com suas mães como, passear no shopping, visitar salão de beleza, entre outras coisas típicas do universo feminino.

A menina desempenhou o papel de uma fada, conduzindo seu pai para que este protegesse Giselle, além de ajudá-la na preparação do baile, lógico que com um toque de modernidade - “o cartão de crédito”.

Narissa

Muito propositadamente as rainhas dos contos de fadas são dotadas de grande beleza física para camuflar a maldade diabólica que trazem dentro de si. Seus tons de voz são firmes e autoritários com o intuito de serem temidas e obedecidas integralmente por seus súditos. Narissa é uma velha bruxa que não foge à regra, por isso se faz ser vista como bela e com voz marcante. Esse tom de voz nos remonta à antiguidade quando já caracterizava que, quem o possuísse, teria autoridade para governar. Caso dos filhos dos nobres a quem eram ensinados a retórica na *Ágora* onde se instruía a falar adequadamente para esse fim.

O artifício da beleza adotado por Narissa também tem como finalidade seduzir o mordomo tornando-o seu fiel escravo, alimentando-lhe esperanças de uma paixão retribuída. Esses artifícios também foram usados para impressionar as pessoas do novo mundo, onde ela demonstrava total segurança, intimidando a todos.

Quando a velha bruxa, no primeiro ímpeto maior de sua maldade, em relação a Giselle, não pôde se apresentar no “formato do belo” por causa do grau da maldade praticada no

momento, ela faz uso de um recurso cativante na pessoa de uma amável vovó que queria presenteá-la. Num segundo momento crucial de sua maldade ela se apresenta como velhinha novamente pois, além de prevalecer seu íntimo mau, a figura da velha para Giselle significava o retorno para Andalasia porque a ela pertencia o segredo do portal. Narissa achava que usando essa figura lhe daria credibilidade para convencer a moça de que havia se equivocado ao trazê-la para um mundo de sofrimento e dor e mostrar seu arrependimento, fazendo com que comesse a maçã envenenada. Essa seria uma possibilidade de fazer as lembranças ruins desaparecerem e assim voltar para o reino onde havia finais felizes.

Como o lado do mau não suporta ver o bem vencer, Narissa, no clímax de sua crueldade, ao ver que estava sendo totalmente desmascarada, invoca as forças do mau se transformando num dragão, supostamente, imbatível.

Segundo Félix, o sucesso dos contos de fadas é atribuído às análises de Freud quando cita o id, o ego e o superego. Trazemos dentro do nosso íntimo a dualidade (bem / mal) representado nos contos de fadas pelas figuras da bruxa e da princesa. Para satisfazer nosso superego nos colocamos no lugar da princesa e torcemos para que saia sempre vitoriosa, aprisionando o nosso lado “bruxa” que durante nossa vida, por vezes, fazemos de tudo para mantê-lo em segredo, mas sabemos que existe em nós.

Nas suas análises Freud afirma que o ser humano se utiliza das percepções recebidas de fora (sensoriais) e percepções recebidas de dentro (sentimentos). Essas percepções traduzem o processo do nosso pensamento deslocando nossas energias mentais efetuadas em algum lugar do nosso cérebro e esse deslocamento nos leva a praticar ações que variam de acordo com o comportamento do nosso instinto interior.

Quando reprimimos os sentimentos que nos levam a praticar ações que, moralmente não são corretas, mas que gostaríamos de fazer (em algumas vezes desejamos que a moça mais bonita da festa tenha o seu salto de sapato quebrado e tenha que se retirar) não estamos sendo verdadeiros, então. Ao torcermos pelos finais felizes estamos tentando esconder de nós mesmos, a personalidade “Narissa” que o ser humano carrega. Por mais que essa personalidade nos influencie desejamos sempre poder eliminá-la e deixar que se aflorem somente os bons

sentimentos

A Narissa seria então, a personificação do lado mau do ser humano em toda dimensão.

Nathaniel

O mordomo possui traços típicos e esperados de alguém que é personagem do mal nos filmes infantis. Seu tom de voz não transmite essa maldade pendendo para um tom mais fino, sem, no entanto, levantar dúvidas quanto a sua sexualidade, a não ser no momento em que chega ao "in real" quando indagado por alguns trabalhadores se também está procurando uma linda moça, ele responde que está procurando um príncipe e deixa que seus trejeitos levantem essa suspeita.

Nathaniel nutre um amor não correspondido por Narissa. Por esse motivo deixa-se ser humilhado por ela sendo seu servo fiel. Faz de tudo para conseguir seu intento, ou seja, fazer com que Giselle coma a maçã envenenada na esperança de ganhar o coração da amada. Após longo tempo atendendo aos caprichos da mulher por quem se apaixonou, foi no mundo real que ele recebeu ajuda para se libertar dos malefícios que essa paixão causava. Arrependeu-se desmascarando a bruxa e se aliando ao príncipe contra o mal. Tornou-se um escritor famoso ao relatar em um livro sua biografia "Minha dor real"

Nancy

Mulher decidida, realizada profissionalmente e independente se encaixa no papel de mulher moderna. Não precisa do aval paterno para calçar os sapatinhos de "Melflex", ao invés de cristal com aconteceu em Cinderela. No entanto, guarda no seu interior uma menina romântica a espera de um príncipe que a encante e quando o encontra mergulha sem medo, rumo ao desconhecido, como num ato de loucura, deixa para trás, tudo que já conhece em troca de viver um grande amor.

Peep

Amigo fiel de Giselle desempenha o papel de ajudá-la. Seus esforços foram marcados por barreiras, todas superadas, tornando-o herói entre os animais do elenco, findando o mal com seu “tiro de misericórdia”. Apesar do seu tamanho reduzido era o que estava faltando para partir o Empire States, lançando “Narissa dragão” rumo a profundidade, com isso, facilitando para a heroína remessar a espada que prendeu Robert, evitando com isso, sua queda mortal.

Essa ideologia tem como finalidade trabalhar com a auto-estima de crianças que não se destacam em seus grupos sociais. Apesar de pequeno, o esquilo venceu aos obstáculos, e sua atitude foi decisiva para que ocorresse um final feliz.

Filme

O compromisso dos contos de fadas segundo Chauí é persuadir a criança para que esta siga condutas classificadas como corretas, mostrando a mesma que a desobediência leva ao sofrimento. Crianças discriminam os valores e os organizam para si.

Os contos de fadas se dividem em dois tipos: aqueles que asseguram o retorno à casa após aventuras ocorridas, tanto por necessidade ou desobediência, e aqueles que asseguram a hora da partida como algo bom, desejável e definitivo. Encantada difere-se dos outros contos, quando a protagonista se extravia dessas alternativas. Ao invés de Giselle retornar à Andalasia depois de sua aventura que ocorreu por sua ingenuidade, tendo o aspecto de desobediência por ter se desviado do caminho do casamento e atender ao apelo da velha bruxa, foi Nancy quem ao final do conto atravessou o portal em rumo ao reino encantado iniciando sua aventura, assegurando ser chegada a hora da partida, sendo um momento bom, desejável e definitivo. Enquanto a ex-futura princesa encontrou em sua aventura um pouso de chegada sem retorno para o ponto de partida.

Por outro lado, assim como nos contos de partida, Giselle é submetida a provações e mergulha em um período de espera (adormecida) até ser ultrapassada rumo ao amor e a vida

nova. A prova que submeteu a nossa quase princesa ao sono profundo nos remete ao conto de Branca de Neve que também teve um pedaço de maçã, símbolo da tentação, atravessado em sua garganta, sendo necessário estar com o corpo inerte para ser recompensada com um beijo que a desposaria, simbolizando amor e aliança, mesmo fato que nos remete à Bela Adormecida.

Vítima de inveja da madrasta o príncipe é punido tendo que mergulhar no infinito desconhecido em busca de sua noiva. O sofrimento vivido por Edward e Giselle, tem como finalidade, preservar a imagem de pais como sendo bons, pois idealiza que apenas madrastas e padrastos são capazes de articular a estratégias monstruosas para atingirem seu objetivo. Também realiza o lado "mau" do espectador, uma vez que é mais natural lutar contra madrasta e padrasto do que contra pai e mãe.

Na maioria dos contos, o pai é indiretamente ou diretamente responsável pela maldição ou desventuras da filha (Chauí,1984). Em Encantada o conto não nos revela tal informação, iniciando a história com Giselle vivendo feliz na floresta apenas com seus amiguinhos animais, fato que isenta o espectador de julgamento contra a figura paterna. Como os contos de fadas não são sexistas, a salvação no filme em questão tanto vem dos heróis, Robert, que salva Giselle do sono eterno ou de Edward que salva Nancy de um futuro casamento sem romantismo, como vêm das heroínas, Giselle salva o advogado do ceticismo em relação ao amor e de despencar do prédio rumo à morte, e Nancy, que salva o príncipe da solidão, visto que ficariam juntos e felizes para sempre.

Temos vários objetos persecutório nesse conto ,o ogro no início da história, o disfarçado Nathaniel, porém, o mais temível é Narissa, na pele de um dragão, encarnando a ira e a revolta, em um ato desesperador de superioridade. Demonstra esse fato quando cita: "vamos subir o nível desse conto de fadas" e sobe no mais alto do Empire States,nos remetindo ao King Kong, porém o desejo desse último era de sobrevivência. Também nos remetindo aos Três Cisnes, a perseguição é interrompida pela heroína, sugerindo que a figura feminina,apesar da aparência frágil,revela-se uma força surpreendente quando seu instinto protetor se faz necessário e o amor está em jogo.

A morte incompleta de Giselle e a definitiva da bruxa má funciona em consonância com a fantasia da criança. Segundo Chauí é o modo como a criança estrutura o desaparecimento e reaparecimento das pessoas.

Aproveitando que a natureza é um mistério com belezas surpreendentes e maravilhas inexplicáveis, os contos se apropriam de seus elementos, terra, fogo, água e ar, para completar o tom de magia. Encantada escolheu o elemento água para este ser, o veículo condutor e expiatório do “In Magic” para o “In Real”.

Outro objeto expiatório nos conto é o espelho “Mágico”. Em Encantada foi feito uma sátira a esse objeto, quando o príncipe, deslumbrado com as novidades tecnológicas do mundo real, conversa com a televisão acreditando ser ela o espelho mágico.

Considerado um número perfeito em muitas culturas, o número 3 também aparece nesse conto. Assim como em Branca de Neve, são três as tentativas da madrasta má para eliminar sua possível sucessora à coroa. Na primeira vez por Nathaniel disfarçado de pipoqueiro, na segunda vez ele disfarçado de garçom e na terceira pela própria bruxa.

O baile, sendo parte dos primeiros jogos amorosos, como na dança de acasalamento, nos remetem a outros contos, entre eles: A Bela e a Fera, Cinderela, Pele de burro e A Pequena Sereia. Em ambos as damas seduzem enquanto dançam.

A remissão que nos leva à A Pequena Sereia também se refere ao fato de as protagonistas (Ariel e Giselle) partirem da sua realidade para um mundo desconhecido. A intertextualização está presente não apenas nas várias remissões aos contos tradicionais, mas também quando Giselle conta para a pequena Morgan a versão do “Lobo” sobre a história da chapeuzinho vermelho.

Encantada aborda um tema social muito importante, principalmente no âmbito da educação, ou seja, a inclusão. Quando Giselle não descarta a ajuda do pombo deficiente físico, mostrando que apesar de possuir algumas limitações poderia cumprir outras tarefas. Essa questão assim como “Peep” trabalha a auto-estima do espectador portador de necessidades especiais.

Apesar de parecer um tema tão atual, os contos o abordam há muito tempo. Como exemplo dessa afirmação, podemos citar “O Corcunda de Notredame” e a “Moura Torta”.

O lado multicultural do Central Park, envolvendo um grupo eclético de artistas, entre jovens e lendários sapateadores da Broadway, dançarinos em pernas-de-pau e, inclusive, um grupo de dançarinos/cantores estrangeiros, simbolizam a grandiosidade do poder de conquista de Giselle. Sua ingenuidade contagiava todas as etnias presentes no parque, representando que a moça conquistara o mundo inteiro. Não contrariando o esperado de todas as crianças, em “Encantada”, todos viveram felizes para sempre

A importância do cenário, da música e da voz nos filmes.

De acordo com o pensamento de Ferrer, o cenário, a música e o tipo de vozes usadas nos filmes, principalmente nos infantis, são de fundamental importância para um sucesso ainda maior de um filme ou o fracasso do mesmo. Segundo ele, a voz do príncipe não deve ser nem austera nem delicada. Se for austera demais não combinará com a figura do príncipe que, na maioria das vezes é incorporada à pessoa do bem; se for muito delicada se tornará caricata. Isso não quer dizer que, dependendo do filme, não se possa utilizar esse tipo de voz, mas ela estará inserida num contexto apropriado a ela. Na própria dublagem, o dublador dá muita ênfase ao gestual, às ações, à interpretação do todo na hora de dar voz ao personagem. Ferrer afirma que o Brasil conta com ótimos dubladores, principalmente nos filmes infantis.

O cenário, ainda na opinião de Ferrer, depende muito da história para se situar geograficamente no texto. Vão se agregando elementos importantes tais como: bosques, castelos, jardins entre tantos outros, levando-se em conta que, algumas personagens não possuem espaço geográfico definido. O importante é que ao ver o cenário, a criança já possa se identificar com a história e que cause um reconhecimento nela. Se, ao invés de filme, for uma adaptação para o

teatro, seria muito bom que a criança pudesse interagir fisicamente nele durante a apresentação. No filme é como se a criança interagisse também. Alguma história tem características tão marcantes que não se pode fugir muito delas ao se pensar no cenário, o que não impede que se possa inventar algo a mais ou fazer pequenas modificações. Essas modificações podem ser de caráter explícito (como no caso das florestas, castelos etc) ou surreal (como na transição do " in magic" para o "in real"), quando se pode usar de artifícios não tão convencionais nas cenas exibidas como foi feito em Encantada.

Tão marcante pode ser um cenário que mesmo sem texto algum alusivo à cena faz com que nos remetemos ao filme original. Podemos perceber bem isso na cena em que "Narissa dragão" sobe no "Empire States" quando nos lembramos do King Kong.

A música, para Ferrer, é outro ponto relevante. Deve haver um casamento perfeito entre música e personagem. A sonoplastia musical para um filme é complicadíssima, segundo ele. Cada personagem e cada momento tem que contar com uma trilha sonora adequada. Em palavras mais simples, a música deve ter a “cara” da personagem. Fora desse esquema pode se tornar inexpressivo perdendo todo o encantamento.

No filme Encantada as músicas se encaixam perfeitamente, como por exemplo a música do baile traduz o que Giselle gostaria de dizer a Robert, ou como na trilha que dava o ar de suspense e medo enquanto Narissa caminhava pelas ruas de Nova Iorque

Para Félix, a voz do animal nos filmes é puro encantamento. A criança vê isso de forma lúdica e acredita que o animal está mesmo falando. Afirma também que pesquisas foram feitas sobre o fato de a criança acreditar mesmo que o animal fala e que os produtores de cinema viram nisso a possibilidade de grande retorno financeiro, pois o interesse por parte das crianças em ouvir os bichinhos falando é enorme. Os adultos, ao ouvirem os animais falando, associam sua voz como sendo o reflexo da consciência da personagem. A voz, para Félix, independente de ser de animais, ou pessoas vai sempre carregar na personalidade da personagem.

Roteiro Adaptado de Livros

Para Paes, nada será prejudicial ao se passar para o filme infantil o que está escrito nos livros. São imagens diferentes. O livro, ao ser lido, conta com a imaginação do leitor e nunca será superado por outra obra, pois esta terá outra linguagem que contará com a visão de um roteirista, um diretor, um montador, um ator, um diretor de fotografia. São visões diferentes que vão sendo agregadas.

A adaptação nunca será fiel, afirma Paes. É uma inspiração do texto original deixando de ser a mesma história para ser uma releitura. A arte é um território livre.

Considerações Finais.

Esta pesquisa ampliou nosso conhecimento nos mostrando que uma obra pode ser vista por diferentes percepções, dependendo para que fim esteja sendo analisada. Como futuras educadoras, isso fortificou nossa hipótese inicial sobre a praticidade da junção do lúdico ao pedagógico que os contos de fadas oferecem, porém nos alertou em questão à necessidade de avaliação sobre as ideologias ocultas contidas em seus enredos

Referências Bibliográficas

Chauí , Marilena. Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida, Brasiliense, 1984.

www.recantodasletras.com.br/artigo/2517642. 19/10/2011, 19:35h

www.slideshare.net/jakzynha32/Freud-19-0-E60-E-0-1d-e-ouros-trabalhos . 22/09/2011,

13:15